

Ouro tradicional português: o seu consumo e a sua carga simbólica e social

Lídia da Conceição da Silva Guedes¹

Resumo

A cor do ouro sempre seduziu a humanidade desde tempos imemoráveis e nas mais distantes civilizações. A sua cor amarela igual ao sol, reproduz uma luz muito peculiar que sempre maravilhou quem a contempla. Muitas vezes, tudo o que cercava o homem e não se conseguia decifrar pelas dádivas ou prejuízos que trariam era objecto de veneração. Civilizações muito antigas e distantes como as que se desenvolveram na América do Sul e Central, olhavam para o sol como se de um Deus se tratasse. Para alguns destes povos, o local de nascimento do sol era encarado como a casa de Deus. O ouro, dada a sua semelhança com a cor do sol, era tido como parte do corpo de Deus e por isso venerado como tal. O sol, na sua deslocação de nascente para poente, ia “semeando” fragmentos do seu corpo pela terra fora e era a sua fé ser esta a origem do ouro e por isso venerado e acautelado religiosamente, não como património económico, mas como objecto sagrado. Para os Incas, o ouro era visto como o “suor do sol” (suor de Deus) e a prata as “lágrimas da lua”. Este texto baseia-se numa interpretação do ouro popular e tradicional português, ao nível da forma e de uma compreensão da sua influência na contemporaneidade. Mas, para se fazer esta interpretação será necessária a contextualização essencialmente social e cultural dos seus intervenientes. Na região do Minho, em Portugal, a primeira pretensão da mulher era ganhar dinheiro para comprar uns brincos, transformando assim as suas economias em adornos. As suas jóias eram e são o seu dote. E talvez seja este um dos assuntos mais curiosos relacionados com o estudo do ouro tradicional português, o seu uso, as suas formas e a sua carga simbólica e social.

Palavras-chave: ouro tradicional português, valor simbólico, consumo.

¹ Mestre em Design Industrial pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e Doutoranda em Design na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL) e membro colaborador do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design (CIAUD) – Portugal. lidiaguedes.designer@gmail.com

1. Introdução

O Alto Minho, localiza-se na zona noroeste de Portugal continental, e como fronteiras naturais podemos dizer que se situa entre o Rio Cávado e o Rio Minho.

A riqueza singular da etnografia e cultura local faz desta região a capital do folclore português, região que faz questão de manter vivas as suas tradições e talvez por isso mesmo, é dali que os “símbolos” representativos de Portugal são provenientes.

O adelgaçamento do ouro por meio de vários processos técnicos como a granulação e a filigranagem vieram dar origem à filigrana, uma arte conhecida mundialmente. A longevidade desta arte na Península Ibérica não permite definir na realidade uma procedência concreta, mas o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento são bastante conhecidos.

Os materiais utilizados na filigrana são os fios de ouro e de prata e as moedas, sobretudo libras e entre todos os ornamentos, os brincos foram sempre os mais amados.

A utilização de amuletos baseia-se no princípio de que tudo o que é mau é originado por seres sobrenaturais conscientes e com imenso poder, capazes de produzir as mais diferentes doenças e males de toda a ordem. Para quem acredita, os amuletos actuam afugentando todos os espíritos que nos atormentam a vida e fixam os bons que só nos trazem benesses, agindo muitas vezes de forma positiva (por sugestão).

2. A carga simbólica do ouro

O amuleto é um instrumento de carácter passivo que protege o indivíduo ou o objecto contra todos os males e perigos (resolvendo alguns problemas por sugestão). O talismã, por sua vez, é um instrumento activo que produz efeitos benéficos. O feitiço é o elemento demoníaco que actua por si mesmo tanto para o bem como para o mal.

Figas, cruces de David, sino-saimão (“sansolimão”), chaves, elefantes com a tromba para baixo ou para cima, trevos, “trezes”, ferraduras, corcundas, quartos de lua, porcos, patas e cornos de animais, Budas, olhos, e um sem fim de objectos semelhantes são exemplos de amuletos.

Atente-se no antigo costume do primeiro banho do recém-nascido se juntar moedas ou peças de ouro, convencidos que lhe podem acrescentar um futuro de saúde e ajudas económicas. *“Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram que contactar, e que por definição estavam lá para contactar com eles, eram antes de mais os*

espíritos dos mortos e dos deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo” (MAUSS, 2008, p.74) e como tal as mães punham ao pescoço, no berço ou à cintura da criança, medalhas religiosas, figas, figurações de sino-saimão, etc. para as resguardar de influências maléficas, bruxas, mau-olhado ou quebranto, sendo as crianças seres indefesos e por isso mais vulneráveis a influências sobrenaturais. E é precisamente sobre estas formas amuléticas e crenças que este estudo se seguirá para uma melhor percepção dos objectos do ouro tradicional português e do seu uso:

- Formas esférica ou arredondada: simbolizam os sol, a lua e as estrelas. Inicialmente usava-se colares com as mais diversas pedras e pérolas essencialmente pela sua forma. Posteriormente surgem contas maciças nos mais variados metais. As actuais contas de Viana ocas, de forma esférica e filigranadas, são descendentes directas das contas gregas, fenícias, romanas e etruscas, sendo as últimas as que mais se parecem com as vianenses. A granulação (nas etruscas) e a filigrana que as envolve funcionam como mero adorno, porque o que sempre importou foi a sua forma.
- Formas lunares: a lua renova-se periodicamente através das fases e está associada aos ritmos biológicos (cresce, diminui e desaparece) e é para muitos o símbolo da fecundidade. A coincidência dos ciclos lunares e menstrual é a sugestão mais clara da cumplicidade entre a lua e a mulher. Na idade média, as mulheres não podiam sair em noites de lua cheia, pois podiam ser fecundadas pela luz da lua (argumento utilizado talvez para justificar algum encontro secreto). A lua, à similitude do sol, sempre exerceu um imenso fascínio nas pessoas, estando caracterizada em inúmeras peças de ourivesaria, umas vezes de forma disfarçada, outras bem explícita, normalmente com a forma de quartos crescentes.
- Triângulos: o triângulo com o vértice para cima personificava o fogo e o sexo masculino e com o vértice para baixo, a água e o sexo feminino e pela sua similitude com a púbis está muito ligado a motivos de fertilidade. Esta forma aparece quase sistematicamente como remate final em quase todos os brincos.
- Calotas: simbolizam os chocalhos que, com o seu ruído, tinham o poder de exorcismo e purificação afastando assim as más influências. Os chocalhos, utilizados no gado, tinham como função afastar os maus espíritos, mais do que marcar a sua presença. Este elemento está em quase todas as arrecadas antigas com cerca de 2500 anos, principalmente nas arrecadas de Afife, Viana do Castelo, Estela e Laúndos. Surgem de forma côncava com um grânulo ao centro e sempre em número ímpar. Nas actuais

arrecadas de Viana do Castelo e brincos à rainha, as calotas são convexas e aparecem de forma harmoniosa, espalhadas pela peça.

- Patos: símbolos da união e da fidelidade matrimonial, ao que se junta por vezes a noção de força vital, pelo facto do casal e os filhos estarem sempre juntos quer na terra, quer a nadar. O aparecimento sazonal destas aves migratórias que surgiam sempre no mesmo local e na mesma altura, sempre despertou um certo mistério e possivelmente por isso aparecem de forma bem explícita nas antigas arrecadas da vizinha Galiza (Espanha) e nas portuguesas com “ss” filigranados, forma aperfeiçoada de representar os patos a voar.

A partir desta pequena descrição, torna-se mais fácil compreender certos procedimentos das mulheres de outros tempos. Antigamente seria intitulada de “mulher fanada” com toda a terrível carga depreciativa, aquela que em público tivesse as suas orelhas desprovidas de brincos. Os ouvidos são os únicos orifícios que estão constantemente abertos ao exterior, logo os mais vulneráveis à entrada de maus espíritos ou à saída dos bons que no corpo casualmente estivessem albergados. Para evitar que tal sucedesse, a mulher que era tida outrora como um ser mais frágil e naturalmente sujeita a mais doenças, (noutros tempos a infertilidade do casal era sempre responsabilidade da mulher), tinha obrigatoriamente que usar alguma protecção para os ouvidos, mesmo a dormir e nas fainas agrícolas.



fig. 1 Busto
(fotografia: Francisco de Almeida Dias)

A vergonha que uma mulher passava por não usar brincos era de tal ordem, que faziam promessas à Santa da sua devoção do seu não uso durante um determinado período (sempre muito curto) ou ir atrás do andor da Padroeira no dia da procissão sem eles, encarando os olhares das pessoas.

“Existe uma crença universal de que o nascimento e a primeira infância são extremamente perigosos tanto para a mãe como para o filho, e, até certo ponto, também para os outros parentes e para a comunidade no seu conjunto. Os receios de morte durante o parto, de derramamento de sangue da mortalidade infantil, e das forças sobrenaturais do mal que possam apoderar-se dos corpos frágeis ou imaturos podem exprimir-se de diversas formas.” (TITIEV, 2009, p.312)

As meninas, quando nasciam, logo a seguir ao corte do cordão umbilical, eram-lhe furadas as orelhas com uma agulha queimada na ponta, colocando uma rolha por trás com uma linha enfiada que ficava em forma de argola no lóbulo para, de vez em quando, ir rodando afim de não fecharem. Em certas localidades, ao sétimo dia, seria colocado no orifício das orelhas um pequeno par de botões, regularmente presenteados pela madrinha.² À medida que a criança crescesse, a madrinha ou os pais iam trocando os brincos por outros, cada vez maiores.³



fig. 2 Botões (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

Era de tal maneira necessário proteger os orifícios abertos ao exterior que, quando se bocejava, tinham forçosamente que fazer o sinal da cruz em frente na boca. Ao espirrar teríamos de proferir uma frase com carga religiosa, não fosse qualquer bom espírito que estivesse alojado dentro do corpo, que com a violência do espirro saísse.

Todo o ouro era usado do pescoço para cima, próximo da cabeça que era o centro de todos os males. Nas mãos era raro ver anéis, pois não só a importância amulética era nula, como também dificultava as lides da casa e do campo.

² Noutros tempos a mortalidade infantil era muito grande, pois não existiam medicamentos em abundância, nem as bolsas do comum dos mortais os poderiam obter. Em caso de falecimento da criança os botões eram vendidos no ourives e o seu dinheiro servia para a ajuda da compra da mortalha.

³ *“(…) esse sistema de prendas contratuais (...) entende-se muito para lá do casamento; eles acompanham os seguintes acontecimentos: nascimento de uma criança, circuncisão, doença, puberdade da rapariga, ritos funerários, comercio.*

(...) estão nitidamente atestados dois elementos essenciais (...) o da honra, o do prestígio, do «mana» que confere a riqueza, e o da obrigação absoluta de retribuir essas dádivas sob pena de perder esse «mana», essa autoridade, esse talismã, essa fonte de riqueza que é a própria autoridade” (MAUSS, 2008, p.65)

O colar de contas tem uma carga simbólica de tal forma forte, que ainda é uma das peças que depois de colocado ao pescoço, normalmente pelas jovens adolescentes, nunca mais sai (daí a existência de um nó de correr para juntar o colar ao pescoço durante os trabalhos no campo ou alargá-lo quando estivesse a dormir). Foram desde tempos remotos, objecto de adoração e, como tal, aparecem figurados inúmeras vezes.

3. O uso do ouro e a sua carga social

Uma das grandes tentações dos ladrões é o ouro. Portanto a exposição dum grande quantidade deste metal não favorece a sua portadora, pois poderia ser considerada “de pouco tino”, “desgovernada”, “desacautelada”. Uma grande quantidade de ouro em viagens de casa à feira, nas suas fainas agrícolas, (sendo que nestes dois casos não se usa mais que as arrecadas ou botões e o colar de contas com o respectivo “penduricalho” e um cordão) ou numa missa normal de domingo (adicionando neste caso mais um cordão e um alfinete), não exaltará a sua portadora. Bem diferente será quando o busto da minhota for abundantemente adornado em circunstâncias muito especiais, como as de sua mordomia, do seu casamento, da sua incorporação em qualquer cortejo nupcial, ou em actos festivos no dia do Santo Padroeiro da freguesia, mas nunca de forma excessiva como muitas vezes se pode observar em cortejos etnográficos.



fig. 3 Lavradeira com vela votiva em dia de festa
(fotografia: Maurício Abreu)

Ir ao Notário a fim de legalizar um negócio sobretudo na venda de uma propriedade, obriga a que as mulheres se exibam ouradas com um certo exagero (não muito), para comprovarem à sociedade que se vendem não é por necessidade financeira, mas sim

porque surgiu uma óptima oportunidade de venda e que quem comprou não foi obrigado a desapossar-se do seu ouro.

A visita com o marido e os demais elementos do agregado familiar, a amigos ou familiares que moram longe, dá lugar a que se mostre o seu ouro, pois daí poderá resultar numa óptima oportunidade de garantir “um bom encosto” para o filho ou filha. Na actualidade usam-se, para além destes, os mais variados sinais exteriores de riqueza para o mesmo fim.

Do ouro tradicional português usado pelas mulheres desta região salienta-se as seguintes peças:

- Grilhão (alguns de grande espessura em que se suspendem medalhas que por vezes atingem 15 cms.);
- Laça com ou sem diamantes, estampada ou filigranada em rodilhões;



fig. 4 Laça (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

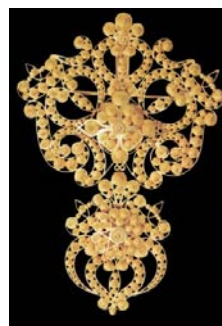


fig. 5 Laça (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Alfinetes com libra, moedas de imitação ou com pedras;



fig. 6 alfinete com pedras (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 7 alfinete com moeda de imitação (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Cruzes: maciças, de raios (em cano vão, com grande resplendor a rodear quase por completo o Cristo, apresentando muitas vezes a Senhora da Soledade aos pés do seu Filho), a cruz do Sacramento, a cruz Barroca ou cruz oca, muitas vezes a merecer a desdenhosa designação de “cruz de ouro mal obrado”, por nela não aparecer a imagem de Jesus; a estrela com a mesma figuração da Cruz de Malta filigranada,

guarnecida com esmaltes; o “Senhor”, para dar a entender que não é a Cruz “esbulha” (a que lhe falta Jesus), muitos dos “Senhores” tinham aos pés de Jesus duas pequenas tábias em marfim, sendo o corpo da cruz ornamentado com arabescos esmaltados e os topos com esferas;



fig. 8 Cruz Oca “Barroca” (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 9 Cruz de Raios (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 10 O Senhor (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 11 Cruz de Malta ou Estrela (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Custódia: “questódia” ou relicário em linguagem mais fidalga, «lábria» para as gentes de Anha, Montaria e Amonde (pela semelhança da parte que está no centro das duas peças); “brasileira” para os de Castelo de Neiva, que emigrando para Terras de Santa Cruz, ao regressar adquiriam este adorno para as suas mulheres, mostrando desta forma aos seus conterrâneos a fortuna e o sucesso da sua saída;



fig. 12 Custódia (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 13 Custódia (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 14 Custódia (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 15 Custódia (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 16 Custódia (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Libras de cavalinho: para adorno de brincos, a maior parte das vezes responsáveis pelos enormes rasgões nos lóbulos, devido ao seu peso (18 gramas no mínimo);⁴



fig. 17 Brincos de libras
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Várias peças: moedas autênticas ornadas com variadas e belíssimas cercaduras nas quais se encastavam com pequenas garras para não estragar a moeda e lhe diminuir o valor numismático;



fig. 18 Medalha com moeda autêntica
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

⁴ De notar a grande preferência que as gentes do norte de Portugal dão às libras em ouro, mais que às próprias moedas antigas nacionais, pois estas eram usadas pelos ingleses como moeda de troca na compra de bois nesta zona, cuja carne era muito apreciada.

- Medalhas: muito semelhantes às peças, sendo nestas a moeda substituída por uma medalha de imitação estampada e por obrigação legal não se poderia confundir com uma moeda verdadeira, tanto em forma como em tamanho;



fig. 19 Medalha com moeda de imitação
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 20 Medalha com moeda de imitação
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Borboletas: usadas nos cordões ou nos fios de contas possuem os mais variados feitios e tamanhos,⁵



fig. 21 Borboleta (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 22 Borboleta (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Corações: “opados”, “duplos”, “coroados” ou “flamejantes”, muitas vezes designados por corações de Viana, podendo ser feitos em finíssima chapa de ouro, com ornamentos filigranados, imitando o “granulado”, ou em filigrana com ou sem esmaltes;



fig. 23 Coração em Filigrana
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 24 Coração Opado
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 25 Coração em chapa
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

⁵ Medalhas feitas em chapa muito fina em forma de coração invertido com uma flor em relevo ao centro e gravado com motivos florais, dizeres de amor ou motivos religiosos.

- Memórias: encerram no seu interior um cabelo, um fragmento de roupa, uma palavra, um nome, oração, fotografias ou outras relíquias, que servem de recordação da pessoa amada ou de quem já não pertence a este mundo. Podem ter as mais variadas formas, podendo ser quadradas, redondas, ovais, em forma de coração e até em forma de animais;



fig. 26 Memória em forma de livro (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 27 Memória oval (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 28 Memória redonda (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- “Conceições” ou “Senhoras do Caneco”⁶: são ocas e cinzeladas, muito leves, diferindo de tamanho entre os dois e os vinte centímetros ou em esmalte tipo *limoge*, orladas com guarnições simples ou trabalhadas;



fig. 29 Senhora do Caneco (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- “Gramalheiras”⁷: constituídas por um grosso colar tecido a finíssimo fio de ouro com pequenos ornatos em forma de escamas, dando a sensação duma cobra. Este colar é rematado ao centro por uma medalha feita em fina chapa de ouro circundada de motivos florais com gomos esmaltados alternando o azul e branco, circundada de pedrarias de fraco custo (turquesas, corais ou meias pérolas de imitação, que dado o seu reduzido valor eram apelidadas de pedras fanfarronas), irradiando, simetricamente em posições opostas duas tiras rematadas por borlas emparelhadas com lindo florão.

⁶ Denominam-se por “Senhoras do Caneco” uma vez que o conjunto da coroa e aro onde se prende o fio, vistos de perfil dão ilusão de se tratar de um caneco de ir à fonte.

⁷ Assim se chamavam as grossas correntes que suspendiam os potes nas antigas lareiras.

Estas peças mostravam a grande diferença económica das suas possuidoras, dado o grande valor acrescentado pela mão-de-obra exigida na sua execução, sendo estas uma das mais bonitas jóias do ouro tradicional português;



fig. 30 Colar de Gramalheira e respectivos brincos
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Arrecadas: feitas em filigrana de ouro e com todos os “ingredientes” amuléticos aptos para escorraçar os maus espíritos ou aproximar os bons que poderiam passar pelos orifícios auriculares (sempre expostos à fácil passagem por não terem válvulas de protecção). Estas são as peças com antepassados mais remotos, encontrando-se no noroeste peninsular algumas destas peças com 2700 anos. No seu centro existe uma chapa móvel em forma de quarto de lua designada por “janela”, “bambolina” ou “pelicano” e terminam como quase todos os brincos por um triangulo invertido;



fig. 31 Arrecada (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 32 Arrecada (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Brincos à rainha: são os mais usados actualmente e são o “ex-libris” da região do Minho. Estas peças têm origem em França , adaptados em Portugal no reinado de

D. Maria, ao “sequilé” com diamantes e daqui às populares laças e a estes brincos com a inserção de todo o amuleto contido nas arrecadas;



fig. 33 Brincos à Rainha (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 34 Brincos à Rainha ou à ‘Vianesa’ (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Brincos à rei: em tudo idênticos aos anteriores, só que constituído por três peças e mais alongados;



fig. 35 Brincos à Rei (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Colares de contas: tal como as arrecadas, os seus antepassados perdem-se na lonjura dos tempos. Tanto nos actos mais solenes, como nas fainas agrícolas e até mesmo a dormir, a mulher jamais se afastam desta peça o mesmo ocorrendo com os brincos, botões ou arrecadas. O número de contas é variável de terra para terra, mas usualmente eram enfiadas num fio de algodão amarelo, vermelho, verde ou matizado com um nó de correr para chegar ou afastar do pescoço. As contas podem ser redondas com pequenos círculos de filigrana (contas de Viana), com sulcos ao longo de toda a conta (contas de pipo), com sulcos que vão do topo ao centro (contas brasileiras), bagos de arroz e até lisas;

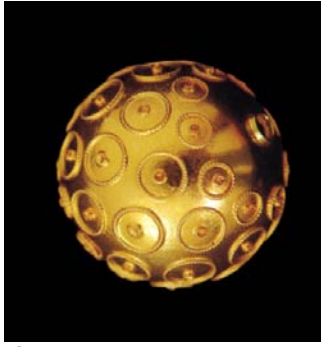


fig. 36 Conta de Viana (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

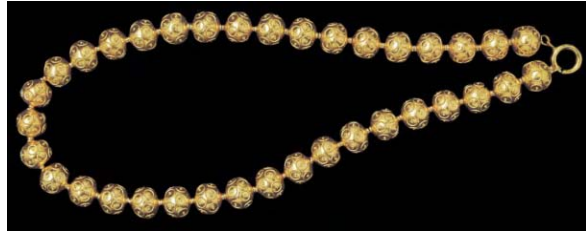


fig. 37 Colar de contas de Viana (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 38 Colar de contas de pipo (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 39 Colar e pulseira de contas brasileiras (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Brincos de “chapola”, “parolos” ou de “luas”: de “chapola” por serem feitos de finíssima chapa de ouro e “parolos” por serem, noutros tempos, usados por mulheres do campo. Estes brincos são decorados, para além de luas, com pássaros, estrelas, motivos florais, turquesas, corais ou meias pérolas falsas. São brincos preferencialmente de forma oval podendo ser redondos ou hexagonais;



fig. 40 Brincos de “chapola”, “parolos” ou de “luas” redondos (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 41 Brincos de “chapola”, “parolos” ou de “luas” redondos (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Argolas: podem ter várias designações consoante o seu formato. Indianas, de suspensão em gancho ou ao correr da curvatura, feitas em fio de cano vão relativamente fino; de regueifa, muito semelhantes à forma do pão com o seu nome; de leque, com ou sem turquesas; carniceiras ou de Barcelos, feitas em cano vão

quadrado bastante grosso, derivando o seu nome do facto de, normalmente, serem adquiridas pelas mulheres dos talhantes de Barcelos, pessoas abastadas, que gostavam de exhibir estas grossas argolas;



fig. 42 Carniceiras ou Argolas de Barcelos (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 43 Argolas de Regueifa (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 44 Argolas de leque (fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Cordões: fios de dois metros, podendo atingir os dois metros e quarenta para possibilitar quatro voltas ao pescoço. São feitos em malha redonda ou em forma de pêra, sendo os segundos os mais usados. O cordão é o terceiro ouro da rapariga, logo a seguir às arrecadas e ao colar de contas. O primeiro cordão é comprado pelos pais, normalmente quando a rapariga atingia a idade namoradeira, pois acarreta-lhe um certo estatuto económico, tão importante para atrair os futuros pretendentes, pois exibindo dois ou três cordões facilmente se verificava tratar-se de uma família com posses. Duma forma geral, o segundo cordão é comprado pelos pais nas vésperas do casamento quando acompanham os noivos ao ourives para comprar as alianças, sendo o terceiro comprado pelo noivo.⁸ Poderão ser ocos, mal vistos pela sociedade ou maciços (se forem muito grossos são chamados de “sogas” e se forem finos são apelidados de “linhas”, estes normalmente eram oferecidos às criadas de servir);

⁸ Não é de bom tom que o cordão oferecido pelo noivo seja de peso inferior ao oferecido pelos futuros sogros e daí a sua aflição para que estes não exagerassem e o seu dinheiro chegasse para a transacção, nunca podendo dar parte fraca.



fig. 45 Cordão

(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

- Trancelins: só se obtêm depois de se ter dois ou três cordões e só nessa altura é que a mulher minhota se empenhava em adquirir esta peça. Atinge, tal como o cordão, dois metros, com elos trabalhados em filigrana e consoante o seu trabalho são designados de trancelins de losangos, de lampião ou de rodilhão.



fig. 46 Trancelim

(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

O uso de ouro emprestado está totalmente interdito por parte das jovens e por isso, no passado, era o próprio povo que desapropriava a actual exibição nos cortejos etnográficos e nas festas populares minhotas da quantidade exagerada com que adornam os peitos, pois, seria impensável que todo esse ouro fosse sua propriedade.

Ter ouro é ter um dote e quanto mais pesado forem os cordões e outras peças para além da sua beleza maior interesse teria a jovem candidata ao coração de um jovem.

O maior desejo duma jovem era ter um cordão, se alguma não o possuía é porque não tinha possibilidade económicas que o permitissem.

Para o homem, o colete, os botões da camisa e de punho, assim como o relógio e a respectiva corrente em ouro causavam a mesma sensação que na actualidade um automóvel de luxo. Compreende-se bem o orgulho da rapariga quando era amada por alguém que se distinguia pelo seu vestuário e pelos adereços em ouro.



fig. 47 Alfinetes de gravata
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)



fig. 48 Corrente de relógio
(fotografia: Museu do Ouro Tradicional – Viana do Castelo)

Um jovem quando começava a oferecer objectos de ouro à sua amada era sinal que o dia do casamento se estava a aproximar. O ouro enriquecia o amor, pois as ofertas em ouro tornavam os namorados mais felizes.

Namorar era preparar o casamento e o noivo seria obrigado a dar à sua amada peças em ouro para demonstrar o quanto a apreciava e ao mesmo tempo acautelar o futuro de vida em comum.

Oferecer uma prenda tinha muito que se lhe diga, pois denotava um determinado gosto que quanto mais próximo estivesse do gosto da amada mais dela se aproximava.

O anel aparece no nosso cancionero popular como uma peça importante que corresponde ao selar de um contrato que jamais poderá ser quebrado.

À medida que se aproximava o dia do casamento começavam-se a guardar as flores brancas do quintal, para enfeitar o altar e cobrir o adro da igreja. O noivo teria que começar a pensar num bonito anel para oferecer à sua futura esposa, pois era um dos símbolos maiores de amor.

4. Conclusões

Segundo os estudos de Marcel Mauss, no “Ensaio sobre a dádiva”, viver em sociedade é viver num espaço de dádiva, onde esse sentimento resiste sem obrigação e em liberdade. E quando se fala em dádiva, esta não implica valores materiais. A dádiva é a retribuição de uma acção, de um sentimento e essa dádiva deve ter retorno espontâneo, sendo este um fenómeno cíclico.

No região do Minho, a mulher continua a ter o seu dote, as madrinhas oferecem às suas afilhadas objectos que as vão proteger de qualquer mal que as possam assombrar e muitos noivos continuam a oferecer à futura esposa o cordão de ouro.

“Aqui temos uma cadeia de factos bastante sólida: a noção de valor funciona nestas sociedades; excedentes muito elevados, de uma maneira geral, são acumulados; muitas vezes, são gastos inutilmente, com um luxo enorme e que nada tem de mercantil; há marcas de riqueza, espécie de moedas, que são trocadas. Mas toda esta economia, riquíssima, está ainda impregnada de elementos religiosos: a moeda ainda tem o seu valor mágico e ainda está ligada ao clã ou ao indivíduo; as diversas actividades económicas, por exemplo o mercado estão impregnadas de ritos e mitos; mantêm um carácter cerimonial, obrigatório, eficaz; estão repletas de ritos e de direitos.” (MAUSS, 2008, p.203).

Actualmente, artesãos traçam novos caminhos nesta arte milenar: a filigrana. Trabalham fios de ouro e de prata com mestria, pondo a experiência e o saber de anos ao serviço dos novos desafios do design. Os artesãos da região da Póvoa de Lanhoso, zona privilegiada em oficinas artesanais nesta arte, procuram agora um novo fôlego e as primeiras parcerias com designers estando a colher frutos reavivando uma tradição local que tinha vindo a perder dimensão. As pequenas oficinas ainda existentes nesta área posicionam-se bem para a produção de pequenas quantidades e modelos exclusivos. Salienta-se também a competência técnica da generalidade dos ourives, arte transmitida de geração em geração, o que possibilita execuções rigorosas e complicadas atraindo novos nichos de mercado.

“É verdade que as necessidades e as aspirações, activadas pela diferenciação pessoal e pela exigência de estatuto, tendem na sociedade de crescimento a adiantar-se um pouco aos bens disponíveis ou às possibilidades objectivas.” (BAUDRILLARD, 2008, p.71)

Ao longo dos tempos, as formas, os valores e os rituais mantêm-se, assim como há um crescimento na tradição do uso das peças de ouro e o interesse pelo seu simbolismo.

“Como é evidente, cada geração continua a reavaliar as porções do passado que se ligam a preocupações do presente (...)” (KUBLER, 2004, p.167) e, embora o ouro tradicional português se tenham vindo a adaptar lentamente aos novos tempos e ao desenvolvimento industrial o interesse pela tradição mantém-se. *“Assim o passado inteiro como repertório de formas de consumo junta-se ao repertório de formas atuais a fim de constituir como uma esfera transcendente de moda.”* (BAUDRILLARD, 2000, p.92)

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, J. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUDRILLARD, J. O sistema dos objectos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

KUBLER, G. A forma do tempo. Lisboa: Nova Vaga, 2004.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edições 70, 2008.

TITIEV, M. Introdução à antropologia cultural. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.